



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA

RAQUEL CARVALHO LIMA

**A CONDIÇÃO DE OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA *ÚRSULA*
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

GRAJAÚ – MA
2024

RAQUEL CARVALHO LIMA

**A CONDIÇÃO DE OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA *ÚRSULA*
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA Campus Grajaú como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas – Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

GRAJAÚ – MA
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho Lima, Raquel.

A CONDIÇÃO DE OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA ÚRSULA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS / Raquel Carvalho Lima. - 2024.
52 p.

Orientador(a): Ubiratane de Moraes Rodrigues.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú-ma,
2024.

1. Maria Firmina. 2. Úrsula. 3. Mulher. 4.
Escravidão. 5. Opressão. I. de Moraes Rodrigues,
Ubiratane. II. Título.

RAQUEL CARVALHO LIMA

**A CONDIÇÃO DE OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA *ÚRSULA*
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências
Humanas - Geografia da Universidade Federal do
Maranhão - UFMA Campus Grajaú como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada em
Ciências Humanas – Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

RAQUEL CARVALHO LIMA

Aprovado em Grajaú, MA, 31 de outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Grajaú)

Profª. Drª. Rosimary Gomes Rocha
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Grajaú)

Profª. Drª Cláudia Leticia Goncalves Moraes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Bernardo)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha família: meu esposo: companheiro Paulino que sempre esteve ao meu lado, e aos meus filhos, Leontina Cristina, Clara Cristina e Pedro Ângelo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre se fazer presente em minha vida, tanto nos momentos de alegria como de tristeza. Por estar sempre presente nos momentos de desânimo e colocar em mim a força que eu precisava para seguir em frente e não desistir dos meus objetivos nessa longa jornada.

A Maria santíssima, por interceder junto a seu filho Jesus a meus pedidos de perseverança nos momentos de desânimo ao longo dessa caminhada árdua.

Ao meu esposo Paulino pelo companheirismo, compreensão, cuidado, cumplicidade e motivação nos momentos de desânimo. Por ter me ajudado ao longo do curso, tanto durante meu processo de elaboração desse trabalho como também nas atividades sugeridas no curso, mesmo quando nada fazia sentido na minha cabeça. Por ter cuidado dos nossos filhos quando eu precisava me ausentar e estar na universidade.

Aos meus filhos, Leontina Cristina, Clara Cristina e Pedro Ângelo pelas vezes, que tive que priorizar o curso e me mantive longe deles.

A minha mãe, Rosangela, mesmo longe está sempre torcendo por mim, e aos meus irmãos, Marcelo, Cléo, Sérgio e Daniel que mesmo longe estão sempre querendo o meu melhor.

Aos professores do curso interdisciplinar em Ciências Humanas/ Geografia do campus de Grajaú, que contribuíram de maneira significativa com seus conhecimentos para que pudéssemos ter uma visão mais crítica e ampla da realidade.

Ao meu orientador, professor Ubiratane, pela orientação, incentivo, paciência, tempo dedicado e acompanhamento, por cada palavra de motivação, e por acreditar em mim. Pelo incentivo na produção desse trabalho que levarei comigo como uma experiência transformadora.

Aos meus colegas por todos os momentos que passamos juntos no decorrer do curso, especialmente a Kimberlly, Deidiane e Natalia Barbosa , por terem me ajudado nos momentos em que mais precisei.

*“O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer
que as mulheres negras são intelectuais. ”*

Conceição Evaristo.

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a condição de opressão da mulher na obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, a partir de uma abordagem crítica sobre os problemas da discriminação racial e da escravidão no Brasil no período em que Firmina viveu. Para tanto, fez-se leituras críticas da obra em destaque, bem como, de comentadoras/es para melhor compreensão e exposição do nosso objetivo. Nossa abordagem do romance destaca ainda as três personagens negras: preta Susana, Túlio e Antero. No romance, percebemos a desumanização na qual eram submetidas/os as/os escravizadas/os e a opressão sofrida pela mulher diante do poder patriarcal. Percebemos assim, principalmente, que a partir das figuras das mulheres, a visão crítica de Maria Firmina acerca daquela sociedade. Podemos, portanto, destacar o lugar de opressão ocupado pelas mulheres e o tratamento que era imposto a elas a partir das críticas de Firmina. Todas as mulheres do romance são testemunhas dessa opressão. Faremos também uma análise de outra obra da autora: o conto *A escrava*. Percebe-se semelhanças entre as duas obras, pois Maria Firmina, mais uma vez, dá voz às mulheres nesse conto, denunciando a condição de vida à qual eram submetidas naquela sociedade e o tratamento oferecido a elas. Assim, denúncia e luta são elementos fundamentais para a análise e a compreensão da escrita e vida de Maria Firmina.

Palavras-chave: Maria Firmina, *Úrsula*, mulher, escravidão, opressão

ABSTRACT

This paper seeks to present the condition of oppression of women in the work *Úrsula* by Maria Firmina dos Reis, based on a critical approach to the problems of racial discrimination and slavery in Brazil at the time Firmina lived. To this end, we conducted critical readings of the highlighted work, as well as of commentators for a better understanding and exposition of our objective. Our approach to the novel also highlights the three black characters: Susana, Túlio and Antero. In the novel, we perceive the dehumanization to which the enslaved were subjected and the oppression suffered by women in the face of patriarchal power. Thus, we perceive, mainly, that from the figures of women, Maria Firmina's critical view of that society. We can, therefore, highlight the place of oppression occupied by women and the treatment that was imposed on them based on Firmina's criticisms. All the women in the novel are witnesses of this oppression. We will also analyze another work by the author: the short story *A escrava* (The Slave). Similarities can be seen between the two works, as Maria Firmina, once again, gives voice to women in this short story, denouncing the living conditions to which they were subjected in that society and the treatment offered to them. Thus, denunciation and struggle are fundamental elements for the analysis and understanding of Maria Firmina's writing and life.

KEYWORDS: Maria Firmina, *Úrsula*, woman, slavery, oppression.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MARIA FIRMINA DOS REIS E SUA OBRA.....	12
2.1 O contexto social e político de <i>Úrsula</i>	14
2.2 <i>Úrsula</i> : o romance.....	18
3. A MULHER E SUA HISTÓRIA DE OPRESSÃO.....	24
4. A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA <i>ÚRSULA</i>.....	30
4.1 Adelaide: “a pobre órfã” e sua dupla personalidade	30
4.2 Luiza B. e as consequências da opressão	33
4.3 <i>Úrsula</i> , uma jovem em perigo	35
4.4 “A preta Susana”: a voz da mulher negra no romance	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende investigar, a partir da obra *Úrsula*, da escritora maranhense afrodescendente Maria Firmina dos Reis, como a escravidão e patriarcado estão relacionados na obra. Neste sentido, iremos apresentar a condição social da mulher no século XIX no Maranhão, uma das mais ricas províncias do norte, na época em que a mulher tinha suas aspirações oprimidas, uma vez que devido à condição social dependiam totalmente da figura masculina.

A submissão da mulher na sociedade oitocentista era quase “natural”, ou seja, o poder masculino prevalecia em todos os níveis, enquanto as mulheres sofriam por atribuições de princípios biológicos e religiosos. Tais princípios eram usados para justificar a dominação masculina sobre as mulheres.

O patriarcado, evidenciava que a mulher teria de aceitar o lugar imposto a elas. Assim, ela se tornaria uma mulher aceitável. Neste sentido, o homem, de certa forma, era quem dava essa validação. Contudo, a partir do século XIX aconteceram importantes mudanças para as conquistas das mulheres, que foram adquirindo espaços sociais a passos lentos, à medida que foram ganhando espaço, um processo cheio de desafios que aos poucos lhes deram espaço como autoras e protagonistas na literatura. Desse modo (Cesario; Fraitag, 2017) destacam que foi preciso que as mulheres vencessem obstáculos e limitações de obras que foram silenciadas ao estereótipo de gêneros literários, sobretudo com denúncia de submissão feminina, por onde muitas autoras começaram suas obras.

Essas mudanças contribuíram de modo que diferentes campos de nossa sociedade fossem modificados. Desse modo, era adotado um modelo cujos ideais políticos, filosóficos e educacionais seguiam um modelo educacional francês e esse modelo era o que devia ser seguido. Com o surgimento do novo ideal romântico de fazer com que a educação fosse democratizada, o que antes era apenas dos homens, contribuiu para uma quebra do modelo que os privilegiava .

Apesar dessas mudanças, a educação da mulher era divergente da educação masculina, já que a finalidade era formar mulheres que fossem boas mães de famílias, esposa e sobretudo, submissas a seus maridos.

Oliveira (2007), citando Quintanero (1996), afirma que havia uma grande diferença entre a educação de meninos e meninas, no Seminário de Olinda e no

Recolhimento Nossa Senhora da Glória, regidos pelos estatutos de 1798, as meninas aprendiam somente a ler, escrever, contar, coser e bordar. Enquanto os meninos tinham aulas de canto, gramática latina e portuguesa, retórica, política, história, geografia, filosofia, física, química, aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, história eclesiástica e teologia. Ser mulher no Brasil colonial e mulher negra era um desafio, período em que havia o enraizamento do patriarcalismo machista, racista e elitista.

Quanto à educação dos afro-brasileiros, não houve grandes mudanças, pois os escravos e seus descendentes, após a abolição, foram lançados à própria sorte e enfrentaram dificuldades até mesmo para encontrar um trabalho que garantisse a sobrevivência. No entanto, alguns mulatos, graças ao apoio do pai ou de outra figura que por eles se interessasse, também conseguiram frequentar a escola (Oliveira, 2007, p. 11).

A partir do fragmento acima observamos que os/as escravizados/as e seus descendentes enfrentaram inúmeros desafios, já que muitos deles não tiveram a oportunidade de frequentar a escola e nem mesmo tinham para onde ir e garantir a sua sobrevivência. Uma vez que a sociedade prezava o poder predominantemente masculino branco.

A literatura afro-brasileira foi por muito tempo silenciada, e quando reconhecida, suas críticas pela historiografia, havia o que chamamos de branqueamento do/a autor/a. Desse modo, era feito de forma proposital o apagamento autoral de autores/as com descendência africana.

Em virtudes dessas condições, Maria Firmina problematiza em *Úrsula*, entre outros temas, a opressão que as mulheres sofriam na sociedade brasileira no século XIX. A própria autora passa essa opressão. Um exemplo disso é o fato de Maria Firmina ter omitido o seu nome em sua obra.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018, p. 25).

Apesar de ocupar um lugar na sociedade e ser reconhecida na cidade de Guimarães, no interior do maranhão, Maria Firmina não concordava com as

desigualdades sociais e de gênero. Podemos observar, logo no início do seu romance, onde ela deixa transparecer um certo desconforto com a posição social que ocupava, já que era motivo de espanto os/as negros/as saberem ler e escrever. E esse é um dos possíveis fatos que fez com que ela omitisse a autoria de seu romance, pois ela tinha total consciência do escândalo que provocaria diante da elite social da época.

Um dos pontos primordiais de nosso trabalho vai de encontro com o Maranhão colonial, período em que a autora escreve o romance *Úrsula*, trazendo nele sua crítica social com as desigualdades da época. Dessa forma, ela se coloca diante de uma postura crítica, fazendo denúncias a opressão que os/a escravizados/as sofriam, mas sobretudo a opressão imposta às mulheres que dependiam do homem e eram impedidas de frequentar lugares e participar da vida social e cultural no país.

Desta forma, neste trabalho iremos investigar a opressão da mulher na obra *Úrsula* de Maria Firmina, relacionando com a escravidão no período em que a obra foi escrita. Além disso, abordar o ponto de vista crítico da autora com relação à escravidão, às desigualdades sociais e ao patriarcalismo. Para isso, fizemos pesquisas bibliográficas, tendo como principal referência o livro *Úrsula* e o conto *A escrava* da mesma autora.

Por meio de pesquisas foi possível conhecer um pouco da vida de Maria Firmina dos Reis, como também sua prática, quando professora de primeiras letras na cidade de Guimarães no Maranhão.

A escolha desse tema se deu após a participação no projeto de pesquisa do meu professor orientador Ubiratane de Moraes Rodrigues cujo tema era: *Os sonhos diurnos como conceito estético na obra Úrsula de Maria Firmina dos Reis*.

O trabalho está dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentaremos a biografia de Maria Firmina dos Reis e sua obra *Úrsula*. No segundo capítulo será abordado em que contexto histórico a autora escreve o romance. Nesse capítulo também introduzimos a obra *Úrsula*. No terceiro capítulo abordaremos a opressão da mulher, destacando as diversas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres ao longo da história e como ainda lutamos por igualdade de gênero na atualidade. No quarto capítulo, apontaremos a condição da mulher na obra *Úrsula*, representada em cada personagem feminina criada por Maria Firmina, destacando também a opressão vivenciada por Joana no conto *A escrava* de Firmina. Por fim, apresentaremos as conclusões finais na quinta e última parte do trabalho.

2. MARIA FIRMINA DOS REIS E SUA OBRA

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1822, em São Luís (MA), e faleceu em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães (MA). Ela era filha de João Pedro Esteves e de Leonor Felipe dos Reis, foi registrada em São Luís do Maranhão como Maria Firmina dos Reis.

Negra, como ela mesma se definiu, com educação acanhada, foi professora de primeiras letras¹ na comarca de São José de Guimarães (MA) e procurou a liberdade nas palavras ao produzir obra de forte combate ao período escravista brasileiro.

A escritora maranhense foi a primeira escritora negra do Brasil e primeira autora de romance abolicionista. Teve muita relevância por conta de sua contribuição na literatura, no protagonismo feminino e na educação através de sua postura crítica, fazendo referência às injustiças sociais.

Descrever a história de Maria Firmina é entender, que apesar das estruturas da época que ela enfrentou, em que a mulher era limitada, tendo como base a escravidão e o patriarcado, é uma mulher negra que escreve com o objetivo de mostrar a realidade de uma sociedade na qual predominava o poder senhorial, que oprimia os negros e as mulheres e sobretudo, mulheres negras.

Através de sua escrita, podemos perceber como a autora compreendia a realidade e percebia o mundo que a cercava. Foi através da literatura que ela sentiu a necessidade de interferir nesse mundo que colocava as minorias como menos favorecidas, dando destaque aos negros e às mulheres. Fazendo isso, a autora colocou em discussão a história das mulheres no Brasil oitocentista.

A escritora teve diversas produções. Destacamos aqui três narrativas de ficção. A primeira é *Úrsula*, publicada em 1859. Este foi o primeiro romance publicado por uma mulher negra no Brasil. A narrativa tem protagonistas brancos, no entanto, nota-se pela primeira vez na literatura brasileira, a presença de personagens negros que tem direito a voz, sendo essa, uma das características marcantes de sua escrita: dar direito de fala àqueles/as que estavam sob o fardo amargo da opressão. O segundo, publicado em 1861, foi *Gupeva*, um romance indianista e o terceiro é o conto *A*

¹ O que corresponde hoje à educação infantil

escrava, publicado em 1887. Neste conto, a autora “narra episódios no contexto da escravidão, na perspectiva do escravizado” (Pereira, 2017, p. 02).

Além disso, a autora fundou a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras no Brasil, pois até então, era comum a separação de turmas por sexo: homens numa sala e mulheres em outra. A fundação da escola mista logo ganhou repercussão e críticas, o que acabou levando ao fechamento da escola após dois anos e meio de trabalhos intensos.

Maria Firmina muda-se com a família para Guimarães, interior do Maranhão, próximo a São Luís. De acordo com Silva (2013) não podemos afirmar o que ocorreu ao longo de sua infância. Sua aparição nas folhas de jornais maranhenses começa a partir de 1860, os quais anunciam a publicação de seu único romance *Úrsula*, de 1859.

Maria Firmina morreu em 1917, aos 95 anos de idade. Ressalta-se que ela se absteve de casamento. Ela é considerada a primeira romancista Negra brasileira e uma de suas obras é o livro *Úrsula* considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. No prólogo do seu livro, *Úrsula*, Maria Firmina descreve seu romance como humilde e mesquinho, pois ela sabia da dificuldade que as mulheres enfrentavam em sua época.

Maria Firmina não assinou o seu livro, apenas colocou que teria sido escrito por uma maranhense. Ela ainda acrescentou:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira e de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham que discutem e que; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018, p. 25).

Em seu romance *Úrsula* Maria Firmina dá voz a personagens negros/as. Assim, ao dar voz aos/as escravizados/as Maria Firmina denuncia as condições de vida dos/as escravizados/as no Brasil, e através da personagem Susana, Maria Firmina questiona se a abolição seria algo bom ou ruim para os escravizados.

Nossa autora venceu o concurso público em 1847 para uma cadeira de instrução primária, cargo que ocupou até se aposentar em 1881 e, por ocasião de sua nomeação, com apenas 22 anos, já demonstra sua solidariedade aos oprimidos, pois, conforme lembra seu biógrafo José Nascimento de Moraes Filho, em *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, “querendo seus familiares que fosse de palanquim

receber o seu título de nomeação, recusou-se irrevogavelmente, verberando:” “negro não é animal para se andar montado nele! E foi a pé!” (Reis, 2018, p. 12).

Maria Firmina foi escritora, musicista e publicou livros, colaborou na imprensa local com, poesias, crônicas, enigmas e charadas. Além disso, ela compôs o hino à libertação dos escravos, no qual rejubila de alegria, fazendo uma analogia da liberdade com o sol que raiou trazendo o brilho que espalha a alegria de ser livre. O hino manifesta o desejo de igualdade entre todos/as, de forma que até mesmo os que outrora eram oprimidos agora eram vistos como irmãos, ou seja, revela o desejo profundo da autora por liberdade e igualdade, uma utopia que ainda hoje se vive, pois o racismo e o trabalho análogo à escravidão ainda persistem em nossos dias.

Em São Luís do Maranhão existe uma rua e um colégio que leva seu nome e um busto na Praça Pantheon. Vale ressaltar que o busto de Maria Firmina dos Reis é o único de mulher nesta praça tão importante para a cultura maranhense.

2.1 O contexto social e político de *Úrsula*

O século XIX, foi marcado pela escravidão no Maranhão. A introdução de escravizados/as africanos/as começou ainda no século XVII, (Costa, 2018) citando (Mário Meireles, 2001) afirma que, a pedido do padre Antônio Vieira no ano de 1661, que o Império português passasse a sustentar a colonização das terras maranhenses com a utilização da mão-de-obra africana. Até então a mão de obra utilizada era a dos indígenas, e mesmo com a declaração contrária da igreja católica sobre a escravidão indígena, a principal força de trabalho no Maranhão ainda no século XVIII, se constituiu com a mão de obra escrava indígena.

Ainda de acordo com (Costa 2018), desde o dia 3 de maio 1757 houve a proibição da escravização de indígenas na América portuguesa e isso se deu devido à vedação da política pombalina. Ele afirma ainda, que existiram inúmeras brechas onde diferentes cartas régias do início do século XIX permitiram por até 10 ou 15 anos o cativeiro de indígenas que atacassem em povoações.

Somente com o crescimento da cultura algodoeira na Companhia geral de comércio do Grão-Pará e no Maranhão que se fez necessário a importação de escravizados africanos, de modo que essa cultura algodoeira estimulava o crescimento da companhia geral. Nesse sentido, os africanos eram os principais

trabalhadores das fazendas que estavam localizadas nos vales dos rios Itapecuru e Mearim.

Entre a ascensão da economia do algodão e a abolição do cativo, a escravidão de negros africanos e de seus descendentes foi fator estruturante da economia e da sociedade do Norte do Maranhão. Com destaque para sua utilização nas fazendas de algodão, açúcar, arroz, na criação de gado e em obras e serviços dos centros urbanos, os negros escravizados se concentraram em São Luís, Alcântara, Caxias, nos vales dos rios Itapecuru e Mearim e no litoral e Baixada ocidentais, contribuindo decisivamente, inclusive, para o funcionamento do mercado interno (Costa, 2018, p. 251).

Com o crescimento econômico e a proibição de cativos no Maranhão fez necessário a utilização da mão de obra escrava africana. Do ponto de vista econômico os escravizados foram determinantes no crescimento econômico, deixando o norte maranhense devidamente estruturado economicamente.

De acordo com Costa (2018), citando Barroso Junior (2009), as rotas de escravizados da África para a província do Maranhão se deu a partir do fluxo entre os dois continentes, uma vez que foi se estruturando com o início da companhia de comércio que possuía o monopólio comercial no antigo Estado do Grão-Pará e Maranhão e também na África ocidental nas regiões da Senegâmbia e na Guiné Bissau. Mesmo a companhia sendo extinta em 1778 ainda houve nas três últimas décadas do início do século XVIII a estabilização das principais rotas de tráfico, durante esse período adentraram na província aproximadamente 35.000 africanos.

Ainda assim, no Maranhão setecentista, de acordo com Costa (2018) chegavam ao porto de São Luís, localizado na praia grande, navios lotados de escravizados, provenientes da região da África ocidental que é conhecida como costa da mina. Contudo, saíam de São Luís embarcações com quantidades expressivas de produtos agrícolas para Lisboa, produtos esses como arroz e algodão, além de passageiros com destino à Europa. É dentro desse contexto que São Luís se tornava um dos quatro mais importantes entrepostos comerciais da América portuguesa, justamente como principal canalizadora de boa parte do fluxo de entrada de escravizados e a saída de produtos das capitanias do norte.

Já no Oitocentos, mais precisamente a partir de 1850, a dinâmica da escravidão foi alterada em todo o Império. A proibição do tráfico intercontinental de cativos e a supremacia da economia cafeeira sobre a produção de algodão e açúcar tornaram inevitável o fluxo de escravos do Norte para as províncias do Centro-Sul do país. Os

primeiros registros de exportação de escravos do Maranhão são de 1846, porém, apenas a partir da década seguinte os comerciantes locais se dedicaram mais diretamente ao agenciamento da venda de cativos para outras províncias (Costa, 2018, p. 252).

Com a proibição do tráfico internacional e o aumento da produção de café, açúcar e algodão no centro Sul do país, foi inevitável a comercialização de escravizados do Norte. Contudo, a prática na província do Maranhão vinha sendo feita desde 1846, mesmo com a proibição do tráfico internacional. Maria Firmina dos Reis faz essa denúncia no conto *A escrava*, onde destacamos o diálogo entre a senhora e o escravizado Gabriel: “[...] fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que, meu senhor, vendeu para o rio de janeiro[...]” (Reis, 2018, p. 200). A autora ressalta, no conto, o drama vivido por esses escravizados, por serem separados de seus familiares sem levar em conta todos os danos que isso pudesse causar-lhes.

Dentro do contexto em que a autora estava inserida, ela enfrenta as forças históricas do patriarcado, além de desafiar a predominância de autores brancos. Para Duarte (2018, p. 227) a “autora rompe corajosamente com o discurso racista hegemônico no Ocidente desde a Idade Média e que adentra à modernidade movido pela voracidade da expansão capitalista e colonial.”

Duarte (2018), ainda citando Achille Mbembe, afirma que esse discurso se constitui na chamada *razão negra ocidental* em que os africanos eram relegados como seres infra-humanos dominados pelos instintos:

Para tanto, basta recordarmos as afirmações de Hegel, na *Fenomenologia do espírito*, de 1807, e nas *Lições de filosofia da história universal*, vindas a público duas décadas mais tarde. As *Lições* hegelianas simplesmente excluem a África do “Espírito Universal”, isto é, do mundo civilizado, pela suposta incapacidade de seus habitantes em atingir a “Ideia da razão”. Vista etnocentricamente como “mundo criança, envolto na negrura da noite”, estaria mergulhada na ignorância e no canibalismo, sem cultura e sem religião, submersa na “arbitrariedade sensual” que aproxima humanos de animais. Assim, enquanto “espécie vacilante” entre essas duas formas de vida – a humana e a animal –, o negro construído pela narrativa hegeliana figuraria como “estátua sem linguagem” e sem “consciência de si”, portanto “desprovida de universalidade” (Duarte, 2018, p. 228).

Dentro desse discurso eurocêntrico, Maria Firmina, uma mulher de seu tempo, movida por sentimento de solidariedade a seus contemporâneos/as do hemisfério Norte e da América Latina coloca toda sua crítica discordando da *razão negra ocidental*. Desse modo, o poder patriarcal, de acordo com Duarte (2018), é encenado

na perspectiva de suas vítimas de modo que Túlio tem sua liberdade subtraída por um sistema que o impede de ter o livre-arbítrio. Do mesmo modo, Tancredo, sendo um homem branco e livre, que tem sobre si autoridade de seu pai que não hesita em trair, com a intenção de seduzir a mulher que estava prometida a ele em casamento. Assim como o tio de Úrsula, vilão do romance que escraviza, tortura e assassina os negros, porque não os considerava como seres humanos. A autora descreve-o como prepotente na medida em que ele quer tomar a sobrinha.

Além disso, o Comendador deixa a própria irmã em um leito por anos, após matar o próprio cunhado, além de matar Tancredo, logo após o casamento com Úrsula, deixando-a louca e conseqüentemente morrendo depois. Dessa forma, a autora destaca o poder de Fernando P. como forma de demonstrar o poder patriarcal absoluto, demonstrando que os negros não se comportam como animais irracionais.

Dentro de todo esse contexto, Maria Firmina constrói sua narrativa sob o poder hediondo do senhor que não poupa ninguém, nem mesmo a mulher e faz uso da dicção romântica hegemônica de seu tempo para mostrar os dramas do subalterno. De acordo com Duarte (2018, p. 229) a autora

se apropria do discurso cristão a fim de demarcar a violência patriarcal como pecaminosa. Dessa forma, a violência patriarcal fere as leis do cristianismo tanto quanto a violência dos traficantes que lucram com a “mercadoria humana” trazida nas “sepulturas” em que foram transformados os porões dos navios Negreiros. (Duarte, 2018, p. 229)

O romance deixa claro que a escravidão era exercida como poder senhorial absoluto, logo, podemos perceber que a mulher também está inserida dentro do poder senhorial na medida em que sua individualidade é comprometida e moldada à obediência em decorrência das estruturas da sociedade da época.

Para Chehab e Agapito (2019), o romance deve ser compreendido como uma exceção, uma vez que escrito por uma mulher negra e da periferia não se enquadrava dentro das estruturas de um sistema sofisticado que havia contra ela. Dessa forma, Maria Firmina enfrentou “[...]uma estrutura organizacional pautada na violência física, simbólica e social em face dos que não lhe pertenciam ou que não lhe eram assemelhados” (Chehab e Agapito, 2019, p. 130)

Maria Firmina, consegue com os estudos trilhar uma carreira de professora, mesmo com uma estrutura sofisticada contra ela que considerava impossível uma descendente de escravizados alforriados ter acesso às letras, ela não teve acesso

como escreveu um romance que dá voz aos escravizados e expõe toda opressão das mulheres de sua época.

2.2 *Úrsula*: o romance

Úrsula, romance de Maria Firmina dos Reis, foi escrito em 1858 e publicado pela primeira vez em 1859. O romance é considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro de autoria feminina. A escritora maranhense é um exemplo de mulher que teve acesso à educação, mesmo sendo afro-brasileira em uma sociedade patriarcal e escravocrata no Brasil no século XIX.

O romance narra a história amorosa entre o mancebo Tancredo, Úrsula, filha de Luiza B. e seu tio Fernando. O livro está dividido em 20 capítulos e um epílogo.

A autora começa seu romance *Úrsula* descrevendo a paisagem, lugar onde vai acontecer toda a história. É importante destacar que a narrativa é feita em terceira pessoa, diferente do conto *A escrava* que em certo momento a personagem intitulada como uma “senhora” narra a história de Joana:

[...] em uma risonha manhã de agosto, em que a natureza era toda galas, em que as flores eram mais belas, em que a vida era mais sedutora – porque toda respirava amor –, em que a erva era mais viçosa e rociada, em que as carnaubeiras, outras tantas atalaias ali dispostas pela natureza, mais altivas e mais belas se ostentavam, em que o axixá com seus frutos imitando purpúreas estrelas esmaltava a paisagem, um jovem cavaleiro melancólico, e como que exausto de vontade, atravessando porção de um majestoso campo, que se dilata nas planuras de uma das nossas melhores e mais ricas províncias do norte, deixava-se levar por um alvo e indolente ginete. Longo devia ser o espaço que havia percorrido, porque o pobre animal, desalentado, mal cadenciava os pesados passos (Reis, 2018, p. 29).

Desse modo, a autora começa descrevendo que em uma bela manhã de agosto um jovem cavaleiro retraído passava pelos majestosos campos com seu cavalo cansado de viajar. O jovem, com uma profunda meditação, segundo a autora, prosseguia sem notar o quão cansado estava seu cavalo. De tanto viajar seu cavalo cai morto por cima do pé de Tancredo que fica no local até ser encontrado por um jovem de bom coração.

Nele, a autora expõe toda a sua opinião crítica acerca daquela sociedade escravista e patriarcal. Assim, a narrativa é construída em cima das mazelas sociais que ocorriam por conta da escravidão e do patriarcado. O romance começa com Túlio,

um negro escravo, onde ela deixa uma mensagem profunda, afirmando que negro também tem alma, transmitindo a ideia de que o negro não deveria ser visto apenas como mera mercadoria, mas alguém, assim como qualquer outro, dotado de sentimentos e intelecto.

Dessa forma, surge um dos personagens negros do romance, o bondoso e nobre Túlio, que encontrou o jovem caído e curvando-se diante dele percebeu que ainda estava com vida e o nobre Túlio, cheio de alegria por ter encontrado aquele cavaleiro ainda com vida, ergue as mãos para o céu por ter a oportunidade de salvar a vida daquele desconhecido:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na fraca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar em balde- dissemos- se revoltava; porque se lhe erguia como barreira –o poder forte contra o fraco!... (Reis, 2018, p. 32).

Notamos no fragmento acima que Túlio apesar dos infortúnios da escravidão tinha um sentimento de nobreza, no entanto, ele não mediu esforços para ajudar aquele desconhecido. Olhando as Sagradas Escrituras, o personagem Túlio tem a mesma atitude da parábola do “bom samaritano” contada por Jesus, segundo o evangelho de Lucas, capítulo 10, versículos de 25 a 37. Nesta passagem da bíblia, fica claro um sentimento de nobreza por parte do samaritano, que encontra um judeu caído, após um espancamento e mesmo sabendo das divisões que havia entre eles, da diferença de suas crenças, ele vê o homem e ajuda, sem se importar com as diferenças existentes entre eles. Assim, notamos uma relação profunda do personagem Túlio com o “bom samaritano”.

Ao colocar personagens negros em sua obra, Maria Firmina chama atenção da narrativa brasileira. Isso se dá a partir do momento em que ela coloca todo o drama vivido por eles na escravidão. Podemos perceber no fragmento anterior que o jovem era revoltado com sua condição de escravo.

Desse modo, a autora destaca que liberdade e esperança só a sepultura oferecia e os aguardava. Entretanto, o jovem Tancredo surge para mudar os rumos do jovem escravo. A autora enfatiza no romance o sofrimento dos/as escravizados/as

e a partir dessa narrativa sua crítica à opressão é colocada no romance de forma explícita.

Maria Firmina, através do personagem Túlio, um dos primeiros a parecer no romance, faz duras críticas à opressão, de modo que ela questiona como os seres humanos podem tratar de forma tão desumana a seu semelhante e ela questiona até quando essa situação irá perdurar sobre os escravizados:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima-Ama teu próximo como a ti mesmo -, E deixará de oprimir contumeliosamente o semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão? (Reis, 2018, p. 32).

A autora coloca o sofrimento dos escravizados de forma que podemos perceber a sua aflição diante da situação em que eles viviam, ainda assim, ela aponta:

E o mísero sofria: porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enternecia-se em presença da dolorosa cena que lhe ofereceu à vista (Reis, 2018, p. 32).

Túlio sofria por ser da odiosa cadeia da escravidão, mas isso não o corrompeu. Podemos perceber isso quando ele se depara com o jovem caído e surge seu ato nobre de ajudar um desconhecido. Ao ser questionado sobre o que queria em troca pela ajuda, Túlio deseja apenas reconhecimento pela sua atitude por parte do jovem que ele salvara a vida.

O jovem então é levado por Túlio à casa de Luiza. B que mora com sua filha Úrsula, uma jovem que não tem pai e divide a solidão com sua mãe doente. O jovem então recebe os devidos cuidados e em momento de delírio fala de seu amor por uma mulher, a qual ele chama “Adelaide, Adelaide”!

A autora buscou uma forma de chamar a atenção do público colocando Úrsula e Tancredo como par romântico, e nesse período de tempo que ficou aos cuidados na casa de Luiza. B os dois se apaixonam tanto, que o jovem apaixonado promete casamento e felicidades à jovem e meiga Úrsula. Com a melhora no estado de saúde do jovem Tancredo, ele já fala de ir embora, mas antes de ir, tomado pelo sentimento de gratidão a Túlio, dá dinheiro para que o jovem escravizado compre sua carta de

alforria e fique livre. Assim, os dois tornam-se bons amigos de almas generosas e irmãos de coração.

Todos os dias ao amanhecer, Úrsula, descrita na narrativa como bela, caridosa e tímida, saía para a floresta para conversar com as árvores e com Deus. Dessa forma, ela encontrava um pouco de alívio à angústia que sentia de cuidar de sua mãe doente e preencher sua vida vazia.

Em uma dessas saídas na madrugada Tancredo a segue e aos pés de um majestoso jatobá os dois declaram seu amor um ao outro, mas existe um obstáculo entre os dois: o tio de Úrsula, um homem desprezível, que possui um olhar sinistro, violento e rancoroso. Esse homem se chama Fernando P. irmão de Luiza B. que ao conhecer a sobrinha a quer para ele. Além disso, ele foi responsável pela morte do marido de sua irmã Luiza B. e é tido como vilão pela forma que trata seus escravos.

O romance trata, portanto, de um amor impossível entre um jovem casal que tem como obstáculo o tio de Úrsula no qual não temos um final feliz como estamos acostumados a ver em romances. Em consequência desse amor que sente pela sobrinha e não é correspondido ele acaba assassinando o noivo de Úrsula, o jovem Tancredo, no dia do casamento, provocando em Úrsula uma loucura que consequentemente a leva à morte. Desse modo, a obra trata de um amor impossível que acaba em tragédia.

Apesar de se tratar de uma história de amor, logo é possível notarmos as verdadeiras intensões da autora, já que ela coloca na obra três personagens negros como protagonistas, além de ganharem lugar de fala, esses três personagens representam dentro do romance a dura realidade da escravidão no Brasil no século XIX. Túlio, que já foi apresentado anteriormente como aquele que não deixou com que os sofrimentos da escravidão o corrompessem. Além disso, ele também é ouvinte de sua mãe de criação, a segunda personagem negra que se chama preta Susana, uma mulher que foi arrancada de sua terra na África e separada dos filhos e do marido. A mesma relata a Túlio como foi presenciar as mais terríveis desumanidades:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água

imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades (Reis, 2018, p. 103).

Susana representa dentro da obra como a imigração forçada de africanos/as durante o tráfico transatlântico de escravizados era dolorosa. Sendo retirada de suas terras com destino à escravidão no Brasil. Maria Firmina é de uma sensibilidade peculiar, que descreve tudo isso de uma forma que prende a atenção do leitor através da experiência vivenciada por Susana nessa terrível viagem.

Já o personagem Antero era um velho que guardava a casa, trabalhava como escravo e tinha problemas com o alcoolismo, uma forma que ele encontrou de amenizar seus sofrimentos causados pela escravidão. Antero em diálogo com Túlio, que também é seu ouvinte, fala da África como uma terra onde após os dias de trabalho, aconteciam festas e comemorações culturais.

— Pois bem, – continuou o velho – no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes? (Reis, 2018, p. 167).

Antero relembra sua terra e fala de trabalho, porém não de um trabalho escravo, mas digno do ser humano, e ganhava dinheiro, que após os dias de intenso trabalho ele tinha um momento de diversão. Com a odiosa cadeia da escravidão era o contrário, além do trabalho duro sem nenhuma remuneração eles eram tratados de forma desumana. Desse modo, Antero encontrou na bebida uma forma de amenizar seus sofrimentos e suportar as condições que a vida lhe impôs.

Portanto, o romance de Maria Firmina, trata de uma série de críticas por parte da autora, onde através dos personagens a autora faz denúncias à opressão dos escravizados e ao patriarcalismo, de modo que, na construção de cada personagem ela conta como era viver naquela sociedade, destacando a condição das mulheres e dos/as escravizados/as. Desta forma, o casal romântico foi utilizado para chamar a

atenção, já que havia um patriarcalismo escravocrata enraizado. Assim, ela deixa bem claro no romance sua insatisfação com o modo que eram tratados os/as escravizados/as e as mulheres.

3. A MULHER E SUA HISTÓRIA DE OPRESSÃO

A mulher vem conquistando cada vez mais espaços em diferentes áreas humanas nos últimos tempos, mas, apesar disso, passou por diferentes momentos na história até garantir algumas conquistas e direitos. Nesse sentido, elas foram reprimidas e obrigadas a serem apenas personagens que não teriam nenhuma importância na história da humanidade.

Apesar disso, Cesário e Fraitag (2017) Salientam, que nem sempre a mulher foi concebida de maneira inferiorizada em relação ao homem, mundialmente falando, mesmo que na maioria das sociedades e em boa parte do tempo a realidade tenha sido exatamente assim. No entanto, há indícios de sociedades e povos em que a mulher teve papel de destaque.

Enquanto na pré-história, que conhecemos como a idade da pedra, dividida em dois períodos, definidos como o paleolítico e o neolítico, Cesário e Fraitag (2017), Citando Rocha (2009), afirmam que nesse período a mulher era a principal responsável pela procriação. Por isso, ela exercia um grande poder e a estrutura familiar não era conhecida como nos dias atuais. Assim, a mulher pertencia a todos os homens e eles pertenciam a todas as mulheres. Apesar disso, todas as atividades cotidianas importantes eram de responsabilidade feminina.

Nesse período, era preciso desenvolver técnicas de louças e objetos resistentes ao fogo e eram de responsabilidades femininas desenvolver essas técnicas. Foram exatamente as mulheres que desenvolveram essas técnicas como também propiciavam a conservação dos alimentos. Nesse período tudo era medido pela força física e venciam os mais fortes. Dessa maneira, a força masculina protegia o grupo e as mulheres mantinham os grupos com atividades que garantiam a sobrevivência. Nesse sentido, ao se darem conta de que não eram fortes o suficiente para lidar com situações que precisariam de força física, as mulheres negociavam proteção masculina, só assim elas tinham uma garantia de sobrevivência juntamente com suas “crias”.

O surgimento da agricultura marcou o fim do período paleolítico e deu início ao neolítico. Cesário e Fraitag (2017), citando Rocha (2009), afirmam que nesse período a mulher terá uma importância significativa, já que outrora quando os povos nômades migravam, as mulheres ficavam sobrecarregadas com suas “crias” e assim não

podiam levar os utensílios para cozer de um lugar ao outro. Desta forma, elas teriam que fazer tudo novamente e essas tarefas demandavam tempo e muito trabalho. A partir disso, as mulheres começavam a desenvolver a agricultura e os povos começaram a se fixar em lugares e se organizarem de maneira diferente sobretudo, com relação a demarcação de territórios.

Na história das mulheres há uma longa lacuna de registros que confere um desafio aos historiadores, pois por muito tempo os homens que detiveram o poder e privilégio das letras pouco se dedicaram à escrita sobre a história das mulheres e seus feitos. De acordo com Olivieri (2007, p.1), “sistemas matriarcais podem ter existido na Idade do Bronze (cerca de 3000 a.C. a 700 a.C.), em Micenas ou Creta”, no entanto o autor ressalta que na maioria dos povos (inclusive entre os mais antigos) de que se tem registro, a mulher a que se tem notícia tinha um espaço muito reduzido, sobretudo no campo das profissões e no campo político (Cesário; Fraitag, 2017, p .4).

Apesar de a historiografia privilegiar a figura masculina ou até mesmo inferiorizar a mulher a ponto de reduzi-las ao papel de gerar e criar os filhos, fica evidente, mesmo com os pouquíssimos escritos acerca da participação da mulher na sociedade, que ao longo da história as mulheres não se reduziram a meras expectadoras ou figurantes dos acontecimentos, mas participavam de forma decisiva na construção da sociedade.

Vale ressaltar que o papel de gerar filhos era algo tão forte, desde os tempos dos povos descritos na bíblia, que as mulheres que não podiam gerar filhos eram consideradas castigadas por Deus. O segundo livro de Samuel, capítulo 6, versículos de 16 a 23 relata um episódio em que, Micol, filha do rei Saul e primeira esposa do rei Davi, criticou Davi e morreu sem gerar filhos (2Sm 6, 16-23). Além disso, existem várias passagens da bíblia que citam a infertilidade como castigo, como a história de Abraão e Sara em Gênesis, capítulo 16, versículos de 1 a 3. Ainda no livro do Gênesis, capítulo 25 versículos de 19 a 23, Isaac suplica ao Senhor por sua esposa que era estéril e foi atendido. Outros fatos ainda relacionados com a esterilidade estão na bíblia em Gênesis capítulo 30, versículos de 22 a 24; Juízes capítulo 13, versículos de 1 a 24; primeiro livro de Samuel, capítulo 1, versículos de 1 a 20; segundo livro dos Reis capítulo 4, versículos de 11 a 18 e no evangelho de Lucas capítulo 1, versículos de 12 a 25.

Estes trechos da bíblia mostram a importância de gerar e a tristeza daquelas que eram estéreis, chegando até mesmo a ponto de serem humilhadas, um pesado fardo que a sociedade (culturas, tradições...) de seus tempos lhes impunha.

Deste modo, a figura da mulher acaba se escondendo nas sombras do homem, perdendo-se na historiografia a luta e a resistência feminina. Por outro lado, a historiografia chega a exaltar os homens a ponto de serem quase autossuficientes.

No evangelho de Mateus, capítulo 14, versículo 21, o evangelista, descrevendo o milagre da primeira multiplicação dos pães aponta que os que comeram os pães foram em torno de cinco mil homens sem contar as mulheres e as crianças. Esse fato também revela a mulher sendo reduzida a ponto de não precisar ser contada.

O sistema patriarcal orientou o homem e a mulher para a diferença de gênero feminino e masculino em que os dois tinham funções diferentes, de acordo com Cesário, Fraitag (2017) citando (Rocha 2009) a mulher sendo sempre inferiorizada e limitada em diversas áreas e isso deu um maior poder ao homem. Desse modo, a mulher deveria corresponder primeiro às expectativas masculinas, assim o papel era de procriar, cuidar dos filhos, marido e afazeres domésticos, enquanto ao homem caberia garantir proteção e sustento, em uma troca em que teria primazia e superioridade numa relação em que a mulher deveria pertencer e obedecer a ele além disso, o homem foi exaltado no sistema patriarcal ganhando status e reconhecimento e liberdade enquanto as mulheres foram impedidas de fazer suas próprias escolhas em uma sociedade que as educava para o silêncio, obediência e a submissão ao homem.

A luta das mulheres por liberdade e direitos civis e políticos vem ganhando força com o movimento feministas em busca de igualdade salariais, educação. Contudo, pensar o feminismo vai além de um movimento único com objetivos delimitados, pensar o feminismo é considerar os diferentes ideais que o agregou em tantos movimentos históricos.

Muitas coisas mudaram desde os primeiros momentos intitulados de movimentos feministas até os dias atuais. O chamado feminismo dos iniciais movimentos não é o mesmo feminismo dos tempos contemporâneos. O correto seria tratar desta palavra no plural – feminismos, ao invés de feminismo (Cesário; Fraitag, 2017, p. 6).

As mulheres ainda enfrentam diversos preconceitos e um deles é a desigualdade de gênero. Nesse sentido ainda há muito a ser feito, apesar de todas

as conquistas ao longo dos anos, enfrentamos ainda exclusão no que diz respeito a assumir lideranças:

No século XXI, o processo civilizatório enfrenta conflitos sociais decorrentes das desigualdades sociais, de gênero, raça, classe e, também, pelo reconhecimento das minorias que, gradativamente, se reconhecem como sujeitos de direitos. A luta das mulheres pela igualdade de gênero e o combate ao feminicídio ganha forças em todos os continentes. Associado ao direito ao saber, ao trabalho, à participação na política e ao direito civil, as mulheres contemporâneas exigem, inclusive, o direito ao seu corpo. Reinvidicação de longos anos, pois o corpo feminino, historicamente, pertenceu aos homens, à igreja e às determinações culturais (Azeredo *et al*, 2019, p. 47).

Essas reivindicações impulsionaram as mulheres a lutar por seus direitos, buscando igualdade de gênero, classe social, além de reconhecimento das minorias que são as que mais são afetadas com seus direitos restritos. Além disso o ativismo feminino está sempre lutando para que haja a penalização do estupro, assédio sexual tanto no trabalho como nas ruas, dentre outros que se formos citar não caberiam em uma página. Dessa forma, as mulheres sempre lutaram visando proteção principalmente daquelas que são submetidas diariamente a maus tratos físicos e verbais.

Desde então, mulheres operárias, camponesas, intelectuais continuam manifestando e lutando em busca da equidade entre os sexos e do reconhecimento das diferenças, dentre essas, a de ser mulher branca e ser mulher negra. O discurso hegemônico, eurocêntrico do sujeito universal se enfraqueceu, pois, muitas mulheres “viraram o barco” e não se reconhecem mais no modelo universalizante construído e mantido culturalmente até os dias atuais. A tentativa de silenciar, historicamente, as mulheres, não apagou as lutas femininas que existiram e que vêm conquistando novos territórios e se fortalecendo nos espaços sociais (Azeredo *et al*, 2019, p. 47).

Nesse sentido a história das mulheres são múltiplas, não pertencendo a um discurso hegemônico criado pela sociedade europeia. Deste modo, ao longo dos tempos a história das mulheres vem se transformando e saindo de um paradigma que manteve aprisionada sua trajetória em uma única universalidade hegemônica.

Ainda de acordo com Azeredo *et al* (2019, p. 47), citando Beauvoir (1980), ressalta que “o conceito de homem, criado pela sociedade europeia, não abarca a totalidade dos seres humanos”. Dessa forma havia uma série de interesses por traz

de tudo uma vez que o principal objetivo era universalizar o homem branco e consequentemente a mulher.

Nada mais equivocado, pois como nos lembram Scott (1990) e Perrot (1990, 2017) diversas, múltiplas e singulares são as histórias das mulheres em seus percursos ao longo da história, sendo inconcebível aprisioná-las em uma única referência universal e homogênea (Azeredo *et al*, 2019, p. 47).

A mulher vem ganhando cada vez mais espaço e se tornando protagonista de sua própria história, agora não mais como figurante e sim como protagonista de suas próprias vontades. Nesse sentido, a mulher, por meio da literatura, de acordo Cesário e Fraitag (2017) ganharam notoriedades desprendendo de sistemas que valorizam só os homens, enquanto a mulher ficava restrita. E é nesse contexto que Maria Firmina faz uso da escrita para denunciar desigualdades sociais e de gênero em seu romance através da literatura.

Todas as lutas das reivindicadas feitas pelas mulheres resultaram em liberdade e assim, a mulher atua em diversos setores e um deles foi a escrita através da literatura em que as mulheres puderam se colocar como personagens, escrevendo sua própria história. Assim, podemos afirmar com Chehab e Agapito que:

[...] Maria Firmina rompe com tudo o que já havia sido feito na literatura até então. Ademais, à Susana não só é dada condição de humanidade, mas, por meio de sua própria voz, é denunciada a tirania por parte dos colonizadores, a objetificação e bestialização do povo negro, que é raptado de suas terras para servir aos senhores das terras brasileiras. É pela voz de Susana, também, que Maria Firmina lembra aos leitores que os negros escravizados são humanos, dotados de dignidade e, na sequência, denuncia o quão brutal e desumana é a transformação desse negro livre em cativo, seja pela captura na sua terra natal, pela tormenta da viagem ou pela sua degradação e tentativa por parte dos seus “senhores” de transformá-los em animais irracionais que precisam ser domados (Chehab, Agapito 2019, p. 137).

Susana, de acordo com Chehab e Agapito (2019) é um elo vivo da memória ancestral negra africana, e sua condição de escravidão torna ela uma subalterna e é através da voz da verdadeira história que o leitor conhece na literatura uma reflexão acerca da escravidão e suas relações de poder presentes na sociedade da época colocando em evidência uma concepção histórica etnocêntrica e patriarcal. Além disso, por meio de Susana são denunciadas todas as tiranias dos colonizadores, uma vez que os/as escravizados/as eram colocados/as como objetos descartáveis,

degradados/as enquanto seres humanos. Para nós, Maria Firmina, Susana e todas as mulheres da obra *Úrsula* são vítimas, tanto da história de opressão sofridas pelas mulheres quanto da ideologia do colonialismo.

4. A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA *ÚRSULA*

Na sociedade patriarcal do século XIX, período no qual a obra *Úrsula*, de Maria Firmina está inserida, as mulheres tinham suas aspirações completamente oprimidas pelo homem devido as condições sociais e estruturas da época. Dessa forma, elas se tornavam completamente dependentes da figura masculina. Assim, a mulher deveria ser instruída pelo homem, e assim, elas poderiam estabelecer uma realidade à sua volta. Sendo assim, as figuras femininas representadas na obra carregam uma visão crítica daquela sociedade, quando se refere ao lugar que cada uma ocupava na narrativa.

Grande parte das mulheres do século XIX não tinham acesso à educação formal e ficavam, de certa forma, em um espaço de reclusão. Em 1859 Maria Firmina publica o romance *Úrsula*. Não havia um romance que tivesse a preocupação de expressar o ponto de vista das pessoas negras, mas sobretudo, das mulheres.

As mulheres presentes no romance *Úrsula* não estão representando apenas aquelas que eram esposas, filhas, enfim... que era um dos papéis sociais imposto a elas devido as estruturas sociais da época. Assim, é enfatizado que elas também eram donas de sentimentos, disposição, sonhos e sobretudo, donas de suas próprias vontades. Além disso, a autora é um exemplo disso, já que ela se utiliza de personagens para fazer denúncias que perduravam na sociedade patriarcal brasileira, onde as principais vítimas além dos escravizados eram as mulheres.

4.1 Adelaide: “a pobre órfã” e sua dupla personalidade

Adelaide, uma jovem que foi criada pela mãe de Tancredo, era uma pobre órfã, filha de uma prima falecida da mãe de Tancredo. Naquela família ela adquiriu todos os valores e princípios morais que uma pessoa poderia ter, desta forma, Adelaide era, a princípio, noiva de Tancredo, mesmo não tendo a aprovação de seu pai que a considerava uma pessoa que não agregaria em nada na vida do filho por ser de classe social inferior à dele.

Ela acaba se casando com aquele que seria seu sogro, um homem que não respeitava sua mulher e que a fez sofrer todas as tiranias e traições por parte do marido e inclusive de sua filha de criação. Um fato curioso na obra é que Adelaide, é uma personagem que não tem lugar de fala, ela é apresentada por Tancredo.

— Eu a vi! — exclamou, erguendo a voz, num transporte de satisfação — Vi-a, era bela como a rosa a desabrochar, e em sua pureza semelhava-se a açucena cândida e vaporosa! E eu amei-a! ... Maldição! ... Não... nunca a amei. (...) — Eu te vi, mulher infame e desdenhosa, fria e impassível como a estátua! Inexorável como o inferno! ... Assassina! ... Oh! Eu te amaldiçoo... e ao dia primeiro do meu amor! ... Minha mãe! ... Minha pobre mãe!!... (Reis, 2018, p. 39-41).

Adelaide é apresentada como uma mulher de duas personalidades, uma do bem e outra do mal; uma hora flor, outra, assassina, isso porque Tancredo a culpa pela morte de sua mãe. Sendo assim, fica subentendido que Adelaide e o pai de Tancredo já poderiam ter algo, não fica claro, mas Tancredo menciona que ela não escrevia mais com a mesma frequência de antes. Podemos confirmar, de acordo com a seguinte citação “Adelaide, que com frequência também me escrevia a princípio, entrou a espaçar mais a correspondência, que era o alento da minha vida, era o que me fazia permanecer com alguma alma tão longe de entes caros. Por último cessaram!” (Reis, 2018, p. 79).

Essa é a impressão que um homem doente e cheio de mágoas transmite na narração, sendo que no romance não fica claro que a mãe de Tancredo tenha morrido por conta da traição de Adelaide, mas poderia ser também por consequência da traição de seu pai, já que ele não era um bom marido e possa ter causado a morte da mãe de Tancredo, como descrito pelo personagem:

Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso — minha mãe era uma santa e humilde mulher. Quantas vezes na infância, malgrado meu, testemunhei cenas dolorosas que magoavam, e de louca prepotência, que revoltavam! E meu coração alvoroçava-se nessas ocasiões apesar das prudentes admoestações de minha pobre mãe (Reis, 2018, p. 61).

Percebemos então como a mãe de Tancredo sofre em seu casamento e mesmo assim, apesar de toda a prepotência continuava sendo uma mulher submissa:

— Oh! Senhor, pelo amor do céu! É só para me roubardes a última ventura de um coração já morto pelos desgostos, que me negais o primeiro favor, que vos hei pedido! Que vos hei feito para merecer tanta dureza da vossa parte? Que vos há feito meu filho para vos opordes a sua felicidade?! Oh! Quanto sois implacável em odiar-me... Sim, a lealdade e o amor de uma esposa, que sempre vos acatou, merecem-vos tão prolongado, desabrido e maligno tratamento?! Perdoai-me... Mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas me têm sulcado o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me tem amargurado a alma,

que estas palavras, nascidas do íntimo do peito, pungentes, como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as, senhor, dos abismos da minha alma a agonia lenta, que nela tem gerado o desprezo e o desamor com que me tendes tratado! (Reis, 218. p. 65).

Em uma conversa com o marido, intervindo para a felicidade do filho, percebemos o quão hipócrita eram aqueles que se diziam representantes da sociedade na época, onde as mulheres eram submetidas a uma forma de comportamento que era tido como um padrão.

Por outro lado, a personagem Adelaide decide então casar com o pai de Tancredo, já que em uma sociedade altamente senhorial não lhe restaria outra saída a não ser um futuro escravo. Assim, Adelaide decide garantir seu futuro e ter um lugar na sociedade mesmo causando danos às pessoas a quem ela lhes devia apenas gratidão.

Adelaide é o oposto daquilo que deveria ser a mulher no século XIX, ela que deveria ser, meiga, bondosa e virtuosa não passa de uma interesseira e ambiciosa, características que não deveria ter a mulher ideal naquele período. Na narrativa ela é apresentada como um “anjo idolatrado” (Reis, 2018 p. 80) uma mulher de extrema beleza que acaba traído aquela que a criou como filha, preferindo o pai de Tancredo por interesse. Dessa forma, ela acaba sendo descrita como uma mulher ordinária por ter escolhido o dinheiro e não o amor. Ela se torna uma mulher “demônio e fingida” como podemos ver na concepção da narrativa de Tancredo: “Monstro, demônio, mulher fementida, restitui-me minha pobre mãe, essa que também foi tua mãe, que agasalhou no seio a áspide que havia mordê-la!” (Reis, 2018 p. 83) em síntese Adelaide é apresentada como uma mulher odiosa que ia contra tudo que deveria ser uma mulher na sociedade da época.

Tanto Adelaide como a mãe de Tancredo foram vítimas da opressão causada pelo patriarcalismo que oprimia as mulheres, dessa forma as mulheres aqui representam a sociedade da época, de modo que o homem as tinha como um “troféu,” um objeto de propriedade dele. Portanto, é possível que a “pobre órfã” tenha agido dessa maneira pelas circunstâncias sociais as quais ela pertencia e isso fez com ela tomasse essa decisão.

A autora apresenta além, de Adelaide e a mãe de Tancredo: Luiza B. e Susana, ambas com papel semelhante na trama, exercendo o papel maternal, além de terem

quase a mesma idade. Luiza, mãe da jovem Úrsula que protagoniza o romance juntamente com Tancredo e Susana, mãe adotiva do jovem escravo Túlio.

4.2 Luiza B. e as consequências da opressão

Luiza é mencionada logo no início da narrativa por Túlio como: “[...] a pobre senhora Luíza B. ...essa infeliz paraltica [...]” (Reis, 2018 p. 35) as duas mulheres representam uma figura de opressão dentro da obra já que os dois homens Paulo B. e Fernando representam na vida das duas a figura opressiva.

Luiza é uma personagem marcada pelo sofrimento, ela enfrentou diversos problemas, entre eles o desprezo da família por ter casado com um homem de classe social inferior à sua, além do mais, seu casamento foi marcado por infidelidades por parte de seu marido. Além de todos os sofrimentos que ela teve que suportar, também teve que lidar com o desprezo de seu irmão Fernando, o mesmo não aceitava ser contrariado. Desse modo, ela passa a ser odiada pelo próprio irmão que não mediu esforços para lhe prejudicar.

Luiza ficou viúva e teve que cuidar da filha Úrsula sozinha, além disso, teve que lidar com problemas de saúde, desprezo do irmão e ficar sem dinheiro, já que sua fortuna foi esbanjada pelo marido. Em uma conversa com Tancredo, Luiza fala da falta de respeito de seu marido para com ela, além de acabar com sua Fortuna com suas loucas paixões

Ah! Senhor! – continuou a infeliz mulher – Este desgraçado consórcio, que atraiu tão vivamente sobre os dois esposos a cólera de um irmão ofendido, fez toda a desgraça da minha vida. Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões (Reis, 2018, p. 93).

Fica evidente que Luiza suportou todos os sofrimentos que o marido lhe causou de modo que naquela sociedade a mulher tinha que manter uma aparência mesmo que isso lhe custasse sua felicidade. Assim o homem tinha liberdade para fazer o que bem entendesse sem se preocupar com a imagem. De certo modo eles tinham “liberdade” para fazer o que queriam, sem considerar os sentimentos da mulher.

Já as mulheres tinham que ter um certo cuidado, já que sua imagem era manchada com mais facilidade e assim manter uma boa reputação diante da

sociedade. Por isso, muitas delas se submetiam a situações parecidas com a de Luiza e a mãe de Tancredo sendo benevolentes e submissas a seus maridos com intuito de preservar a imagem.

Ademais, Luiza era uma mulher bela e saudável antes de conhecer o pai de Úrsula, no entanto, com o casamento veio a se tornar uma mulher doente, sendo comparada até mesmo com um “esqueleto vivo” (Reis, 2018 p. 89). Uma mulher que mesmo estando doente ainda podia notar traços de uma beleza, mesmo que em leves traços. A opressão ocasionada pelo marido e por seu irmão a levaram à enfermidade causando lentamente a sua morte.

A mãe da jovem Úrsula comove seu hospede Tancredo com sua história de vida que conseqüentemente foi marcada pela opressão causada por seus dois algozes: Fernando, seu irmão, que a odiava por ter contrariado sua vontade, que a princípio tinha um imenso amor pela irmã, amor esse que se transforma em ódio pela frustração de ver a mulher amada se casando com um homem que ele não aceitava, e com isso a transforma em sua prisioneira com sentimentos de ódio e frustração e o marido que não soube dar valor ao seu amor. Além disso, seu irmão manda matar o cunhado como forma de vingança da irmã a deixando doente e sem dinheiro: “Há doze anos que arrasto a custo esta penosa existência. Só Deus conhece o sacrifício, que hei feito para conservá-la” (Reis, 2018, p. 92).

Luiza é a personagem que mais sofreu enquanto mulher branca, sendo que conviveu com uma doença que a deixou parálitica até o dia de sua morte, além disso teve que lidar com o sofrimento da filha em razão da compulsão de seu irmão. Além do mais teve que lidar com problemas psicológicos que comprometeram sua beleza física em razão das perseguições de seu irmão como também causados por seu marido.

Isso demonstra que as mulheres eram submetidas a opressão pelo fato de ser mulher e não podiam contradizer a vontade do homem. Assim, muitas não suportavam e acabavam doentes e conseqüentemente morriam. Dessa forma, neste relato, vemos o sofrimento de uma mãe que não atendeu o desejo do irmão e acabou morrendo em detrimento de sua autoridade radical e assim todas elas eram submetidas e sofriam na sociedade brasileira no século XIX devido as estruturas sociais da época.

4.3 Úrsula, uma jovem em perigo

Úrsula é uma jovem romântica que vive com sua mãe doente. Ela é descrita pela autora como tímida, acanhada, mimosa, anjo sublime, doce caridosa. No entanto, essa personalidade muda a partir do momento em que ela conhece Tancredo, pois ao se apaixonar, ela descobre que sua vida ganha um novo sentido desencadeando assim, uma nova personalidade capaz de enfrentar tudo pelo amor que sente por Tancredo. Isso se comprova nessa fala:

— Sejais vós, senhor, quem quer que fordes, quaisquer que sejam os precedentes da vossa vida, que generosamente prometeis confiar-me, aqui, na solidão silenciosa e grave desta mata, onde só Deus nos ouve, onde só a natureza nos contempla, juro-vos pela vida de minha mãe, que vos amarei agora e sempre, com toda a força de um amor puro e intenso, e que zombará de qualquer oposição donde quer que parta (Reis, 2018, p. 55).

Com essa declaração, a moça angelical declara que enfrentará quem quer que seja para defender o amor que sente pelo homem que despertou nela esse sentimento antes desconhecido.

Por outro lado, surge também, nesse ambiente, o tio de Úrsula. Este ambiente que antes é descrito como um paraíso agradável, se tornará um lugar perturbador, tanto para Úrsula como para sua mãe. Desse modo a senhora Luiza vai perceber que seu irmão não a perdoou e que seu alvo agora é sua filha. Assim sendo, Tancredo é o homem que oferece à bela jovem todo amor e proteção, enquanto que seu tio vai oferecer a ela sofrimentos os quais ela nunca poderia imaginar.

Com isso, a paz que antes a bela moça sentia vai tornar-se angústia. Diante disso, antes da presença de Tancredo ela não tinha preocupações e agora a sua tranquilidade não será a mesma, pois tal presença do homem lhe tirou a tranquilidade trazendo consigo o desassossego.

Apesar de Tancredo ser um bom homem ele acabou despertando em Úrsula sofrimento, pois antes de conhecê-lo ela tinha uma vida tranquila com sua mãe, e apesar da enfermidade da mãe ela era feliz “[...] na sua solidão seu coração era tão puro como o de um anjo; foi esse o primeiro choque que lhe abalou a alma, e a saudade devia corresponder à grandeza desse sentimento” (Reis, 2018, p. 105). Dessa forma, de acordo com Oliveira (2007) a presença do homem branco nesse ambiente é caracterizada como algo perturbador, pois a partir do momento que ele

surge ele transforma esse ambiente antes tranquilo em lugar perturbador para todas as mulheres presentes nele vejamos:

Chorava, pois, porque ia ver partir o objeto de suas mais caras afeições; mas no momento da partida fez um supremo esforço sobre sua aflição e estendeu a mão ao mancebo, que a beijou com enlevo, e perguntou-lhe com magoado acento, que bem revelava o pungir do seu coração: — Tancredo, quando vos tornarei a ver? (Reis, 2018, p. 105).

Assim, depois dessa dolorosa despedida, o amado partiu, sentindo no coração uma imensa alegria e, comovido por tamanho amor, declara-se para a amada afim de deixá-la mais tranquila “— Lembrai-vos, Úrsula, que vos levo no coração, que seguir-me-á a vossa imagem, que hei de ver-vos em todos os objetos que me circundarem [...]” (Reis, 2018, p. 106)

Oliveira (2007) salienta que o fato de Úrsula e sua mãe terem recebido em sua casa um homem que era desconhecido, e apesar das duas morarem sozinhas e permitirem que mesmo assim fique com elas durante tantos dias, foi uma atitude ousada. Desse modo, a sociedade em que as duas estavam inseridas, as mulheres eram escondidas de estranhos. No entanto as duas recebem-no e lhe dão hospedagem. Tal ato era considerado prejudicial à sua honra.

Por outro lado, nesse mesmo lugar da despedida, a donzela sentia uma aflição muito grande, não pelo fato do amado ter partido, mas como se algum perigo estivesse próximo. Assim, ela ouve um som desagradável e medonho de um tiro, fazendo com que toda aquela paz de espírito que a natureza havia lhe transmitido se transforme em um grande medo. Dessa forma, uma avezinha cai aos seus pés, e com o bom coração que tinha. Movida pela compaixão toma a ave em suas mãos, mas infelizmente a pobrezinha morre e mancha seu vestido de sangue. A morte do pobre pássaro e o vestido manchando estabeleceram ali mesmo todas as desgraças que viriam posteriormente depois desse encontro com o sanguinário tio que anteriormente mandava matar quem cruzasse seu caminho.

Além do mais, Úrsula sentiu-se oprimida pela maneira como seu tio a olhava fazendo com que o medo e a repugnância não a permitisse sair do lugar “era como se esse homem a tivesse magnetizado” (Reis, 2018, p. 109). Desta maneira houve grande inquietação e grande desconfiança em presença daquele homem que despertou na bela sentimentos de medo. Os dois homens aqui mencionados

provocaram em Úrsula sentimentos que ela ainda não havia sentido, assim a autora destaca que o homem é um ser perturbador “-meu Deus! - Dizia ela consigo- quem será este homem, e o que ele quer de mim?” (Reis, 2018, p. 109).

O homem que oprimia a sua sobrinha com seu olhar sinistro jurou que a tomaria como esposa e a ameaçou:

[...] haveis de ser minha; porque ninguém me desdenha impunemente. Ouvis? – disse em tom de ameaça, e depois em meia súplica ajuntou – Oh! Por Deus, não troqueis a ventura pela dor, e quem sabe pelo! ... Esta ameaça horrível, dita com voz alterada, e em tais horas, eriçaram os cabelos da moça, que ficou pálida e queda de horror (Reis, 2018, p. 113).

Com isso, ela fica apavorada, prometendo a si mesma nunca mais voltar naquele lugar, que antes lhe transmitia paz, agora se transformando em um ambiente de medos. Mesmo sendo muito nova ela começou a submeter-se a situações difíceis, como se não bastasse o estado de saúde de sua mãe, ela tinha que lidar com a compulsão de seu próprio tio de tê-la a qualquer custo “Mulher altiva, hás de pertencer-me ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito” (Reis, 2018 p. 114). Fernando resolve seus problemas tirando de cena aqueles que cruzam seus caminhos.

Na sua solidão o homem tinha ido perturbar-lhe a virginal pureza do coração para dar-lhe uma nova existência – o amor; e depois ainda o homem, invejoso dessa momentânea e fugaz felicidade, veio roubar-lhe a tranquilidade do espírito, e envenenar-lhe a suave esperança de uma vida risonha e venturosa, espremendo-lhe no coração a primeira gota de fel do cálice que ela devia libar até as fezes (Reis, 2018, p. 115).

A figura dos dois na vida da jovem, revelam a todo momento o quão prejudicada ela foi ao conhecê-los. O primeiro a faz sofrer com a separação e a saudade e seu tio provoca nela medo, pânico, e desperta transtornos tanto, físico como psicológico.

Tendo conhecimento das intenções do irmão para com sua filha, Luiza aconselha a filha a fugir: “Bem sei quanto te é penosa esta dura separação; mas tarde, ou cedo, ela devia chegar, e tu deves resignar-te, e aproveitar o tempo, que urge (Reis, 2018, p. 125). Meu Deus! Perdoai-me se peço nisto... Aconselho-te.... que fujas... Foge... minha ...fi...lha!.. fo...ge!...”(Reis, 2018, p.126) Luiza que já havia sofrido nas mãos do homem, morre sem deixar a filha amparada e com isso Úrsula estará sujeita a todas as formas de perigo que seu tio venha oferecer. Assim sendo, tira seu rival de

cena, assassinando o noivo da agora órfã, no dia de seu casamento, como se não bastasse, ele também assassina Susana e Túlio que são acusados de serem cúmplices na fuga de Úrsula para o convento o qual ela busca refúgio e proteção.

De acordo com Pinheiro (2016) Fernando pode ser entendido como aquele que se sente no direito de ter a posse daquilo que ele deseja, um exemplo, é que ele tinha a irmã como propriedade dele, e quando essa foi tirada dele o mesmo reagiu sobre a força inerente ao patriarcado herdado de Portugal, assim, as duas mulheres lhe pertenciam pelo direito natural.

A partir dessas mulheres ficam evidentes denúncias de opressão à mulher quanto ao seu lugar ocupado na sociedade patriarcal. Portanto, fica explícito que os dois personagens tanto, Paulo B. quanto Fernando e o senhor Tavares, do conto *A escrava*, representam figuras de homens opressivos que existiam na sociedade no século XIX.

4.4 “A preta Susana”: a voz da mulher negra no romance

Susana, uma mulher negra escravizada que foi trazida de forma forçada de sua terra na África para o Brasil, sendo separada de seu marido e da filha, vive o drama da escravidão servindo à família de Luiza. Susana é descrita na narrativa como:

[...] uma mulher escrava, e negra [...], mas boa, e compassiva(...)trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnada todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs (Reis, 2018, p. 99).

Percebe-se então, características de uma vida marcada pelo sofrimento e privações da odiosa cadeia chamada escravidão, que se tratando de uma mulher o trabalho duro não lhe foi poupado, todavia, era o que lhe restava devido à sua condição social. Susana é o reflexo das mulheres negras escravizadas e oprimidas. Através dela podemos perceber a dor de ser forçada a deixar seu país, sua história, seus afetos, seus costumes e sua cultura, além de não poder decidir seu próprio futuro.

Susana tem um capítulo todo no livro, onde a autora dedica à personagem negra com a intenção de mostrar como era a forma desumana que pessoas negras

eram arrancadas de suas terras na África e transformadas em objetos de trabalho, como podemos ver em seu relato com Túlio:

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar! ... (Reis, 2018, p. 102-103).

A partir desse fragmento, é apresentado todo o drama da captura de Susana e a forma agressiva que ela é separada da família e de sua pátria. Dessa forma, acontece o que chamamos de deterioração da pessoa humana, fazendo com que as pessoas negras, agora cativas, se transformem em “animais ferozes” ao ponto de serem amarrados. Susana vive todo o drama da separação da família e de sua terra natal. Além disso, ela revive toda a viagem em um porão de um navio como “a mercadoria humana” que a trouxe juntamente com seus companheiros para o Brasil para serem escravizados: “Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida, passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras” (Reis, 2018, p. 103). Entende-se então, a forma que eram tratados por “bárbaros” aqueles que consideravam apenas objetos, quando na verdade eram seres humanos até então livres e que tinham uma vida completamente feliz em seu país.

Em uma conversa com Túlio, após ele decidir ir embora com Tancredo por ser um ser livre da escravidão ela o questiona: “-Tu! Tu livres? Ah não me iludas! - Exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és livre? ...” (Reis, 2018, p. 101). Susana, tinha outra visão do que significava ser livre, conforme o trecho a seguir:

— Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal,

em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (Reis, 2018, p. 101-102).

Para ela, liberdade vai além da compra de um papel. A personagem expõe a Túlio a verdadeira liberdade, de modo que se nota todo o seu sofrimento ao descrever sua vida em seu país e como eram suas vivências. Essas boas lembranças eram maneiras que ela encontrou de amenizar seus sofrimentos e angústias em um país desconhecido, pois ela tinha plena convicção de que só lhe restava essas lembranças e que de maneira nenhuma ela poderia voltar a seu país novamente.

O conto *A escrava*, possui muitas semelhanças com *Úrsula*. Principalmente na abordagem da escravidão, do patriarcado e da opressão que será denunciado a partir das figuras femininas que aparecem no conto. Dessa forma, a narrativa começa com representação feminina trazendo uma visão crítica da escravidão onde é descrita como um grande mal. A narradora-personagem cujo nome não é revelado se posiciona contrária à escravidão.

O conto é composto por cinco personagens: a Senhora abolicionista, o feitor Antônio, o senhor Tavares escravocrata, Joana e seu filho Gabriel que são escravizados. A narrativa se dá em um salão onde se encontravam reunidas pessoas da mais alta e distinta sociedade da época. Assim em meio a discussão sobre diversos assuntos, entre eles a escravidão surge a Senhora abolicionista que se coloca diante de uma postura crítica à escravidão.

O conto *A escrava* foi publicado no número 3 do periódico do Maranhão intitulado *A Revista Maranhense*, de 1887, para além da luta abolicionista e a crítica social, é importante salientar os elementos coloniais de degradação do ser humano neste conto. A narrativa de uma mulher branca abolicionista e Joana, uma escravizada que relata sua dor e condição social, são apresentadas pelas letras de Maria Firmina onde ela ressalta os elementos da opressão colonial vividos em seu tempo. Além disso, a narradora fundamenta seu posicionamento na moral religiosa e na moral

cívica. Assim, ela afirma, que não valeu o sacrifício do homem Deus em favor da liberdade do homem, já que a escravidão e a opressão ainda os aprisionam, desse modo, ela salienta que:

[...] a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo... (Reis, 2018, p. 194).

A escravidão degrada a imagem do homem e causa nele uma grande desonra social e não oferece nenhum futuro, já que um trabalho que não dignifica a pessoa humana não pode ser considerado como tal. Dessa forma, as condições de desigualdades sociais vividas pelas mulheres e pelas/os escravizadas/os e suas/seus descendentes são de opressão.

Assim, no conto *A escrava* ao dar protagonismo a Joana, uma mulher negra, escravizada, Maria Firmina reforça que a mulher pode ganhar voz a partir dos oprimidos, que lutaram e resistiram contra o poder escravocrata e patriarcal.

No entanto, segundo Oliveira (2019), a autora convoca personagens e histórias muito distintas da narrativa nacional brasileira. Desse modo, ao falar do drama dos negros, também leva em conta o drama dos brancos. Por isso, podemos relacionar o drama vivido por Úrsula e sua mãe Luiza, temendo o comendador Fernando, na obra *Úrsula*, e a senhora do conto, juntamente com Joana, vivendo situação semelhante com o senhor Tavares.

No romance *Úrsula* é denunciado o tráfico internacional de escravizados a partir da personagem Susana, isto é, quando ela é forçada a deixar seu país na África juntamente com o marido e a filha. Desta maneira, o conto traz denúncias do tráfico de escravizados agora interprovincial na qual famílias presenciavam tudo. Deste modo, é narrado todo o drama de Joana, uma “pobre” escravizada que teve seus dois filhos vendidos para a província do Rio de Janeiro:

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano... Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho

pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos! ... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo! ... (Reis, 2018 p. 201).

Assim, a autora faz uma denúncia ao Estado do Maranhão, uma vez que esse era seu Estado natal, onde, apesar da proibição do tráfico transatlântico de escravizados continuava com a prática. Desse modo, se tornava o maior exportador de “mercadoria humana” para outras províncias (Silva *et. al*, 2021, p. 04).

Joana relata para a senhora como se tornou uma escravizada e conseqüentemente seus três filhos, entre os quais dois foram vendidos pelo senhor Tavares que é descrito por ela como um tigre em fúria e que por consequência disso torna-se uma mulher com transtornos psicológicos.

Nunca a meu pai passou pela ideia que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas; minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu grito, e caiu estrebuchando. (Reis, 2018, p. 202).

Deste modo, os pais acreditavam ter comprado a liberdade da filha, mas por não ser alfabetizada Joana se torna uma ferramenta de trabalho do senhor Tavares que enganou seus pais com a falsa carta de liberdade. No decorrer do conto são denunciadas as condições de desigualdades sociais, mas sobretudo a opressão tanto, dos escravizados como das mulheres que não tinham os mesmos privilégios em uma sociedade altamente opressora e patriarcal.

A presença dos dois homens tanto no conto, como em *Úrsula*, traz sofrimento e angústias para as personagens femininas: Joana que tem um grande transtorno psicológico devido o senhor Tavares ter tirado seus filhos; Úrsula por ter perdido sua mãe e a senhora por ter em sua casa uma mulher morta por consequências da desumanização da escravidão no Brasil no século XIX.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz joana, quando à porta de minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares. Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me: - Desculpe-me, querida senhora, se me apresentou em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto... - Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam (Reis, 2018, p. 206).

É notável, no fragmento acima, o quanto incomodada se sentiu a senhora ao estar na presença o senhor Tavares, que é descrito por Joana como um tigre feroz e sem piedade. Por outro lado, notamos novamente que esse encontro tem as mesmas características do encontro de Úrsula com seu tio Fernando de maneira que as duas mulheres se sentem perturbadas.

No conto, Maria Firmina reforça que a mulher pode ganhar voz a partir dos oprimidos. Além disso, notamos que a narradora faz no decorrer de todo o conto um discurso totalmente abolicionista, e podemos constatar isso no diálogo entre ela e o senhor Tavares.

- Desculpe-me senhor Tavares, - disse-lhe. - Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, um homem livre. Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre! O senhor Tavares cumprimentou e retrocedeu no seu fogueiro a lação, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre. (Reis, 2018, p. 207)

No fragmento acima Maria Firmina ressalta o discurso abolicionista. Além disso destaca a desigualdade social vivida pelas mulheres, mas sobretudo, as condições desumanas vivenciadas pelos escravizados e seus descendentes no Brasil. Pereira (2017) citando Reis 2004, afirma que a escravidão era condenada pela narradora.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! Não. Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever (Pereira, 2017, p. 6).

Reis, ressalta nesse trecho a desumanização e degradação do ser humano enquanto escravizados que sofriam por parte dos escravocratas. Dessa forma, a autora se coloca no conto como uma mulher que tomou a coragem de enfrentar um problema: o senhor Tavares, pois ela estava com seus escravizados e poderia ter graves consequências com a lei diante de seus atos. Contudo, ela se manteve firme e não deixou de ajudar, com o propósito de denunciar a desumanização sofrida pelos escravizados e mostrar que era possível solucionar o problema a partir do surgimento de um homem branco mais humano para quebrar a opressão assim como ela fez.

Andreta (2016), citando Telles (1997), ressalta que a escrita do século XIX deu às mulheres o direito de falarem por si mesmas através da escrita:

No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que 'bonecas' ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora do seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que a definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade (Andreta, 2016, p. 5).

Escrever no século XIX para as mulheres era um desafio e ao mesmo tempo uma forma de expressar suas opiniões públicas e privadas tanto no âmbito político social e econômico. Dessa forma, Reis consegue expressar todas as suas opiniões através da escrita e quebrar padrões de que as mulheres eram apenas personagens literários. No conto *A escrava Maria Firmina* ganha voz através da narradora onde a mesma faz denúncias ao patriarcado opressor e a desumanização dos/a escravizado/as, mostrando-se uma mulher que ultrapassava os limites de uma sociedade conservadora e escravocrata.

Tanto, Susana como Joana representam na escrita de Maria Firmina todas as formas de opressão que uma mulher poderia ter. Susana, por ter sido obrigada a deixar seu país e a família, segundo por sofrer todas as atrocidades da escravidão, como se não bastasse, o fato da personagem ter tido dois senhores escravocratas o comendador Fernando P. e Paulo B. que eram descritos como impiedosos para com seus escravos e Joana por ter como seus algozes o feitor Antônio e o senhor Tavares como seu impiedoso dono que vendeu seus dois filhos provocando nela uma dor imensurável. Essas mulheres representam a resistência e a luta por liberdade apesar de todo o mal que o regime escravocrata impôs sobre suas vidas.

Assim, como Joana relata para a Senhora que bondosamente a resgatou, Susana também relata como foi ao chegar em terras brasileiras e como surgiu seu novo "dono":

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça (Reis, 2018, p. 103-104).

Nesse relato comprovamos todos os sofrimentos e medos aos quais Susana foi submetida por parte de seus senhores. Deste modo, como Joana, que foi

oprimida por dois homens, sendo eles o feitor Antônio e o senhor Tavares. E assim como Joana, Susana teve dois algozes. Como podemos constatar com seu segundo senhor, a sorte foi a mesma, assim, “Pouco depois casou-se a senhora Luísa B., e ainda a mesma sorte: seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor” (Reis, 2018, p.104). Além da opressão física e psicológica, Susana ainda presenciava o sofrimento de seus irmãos escravos.

Ademais, Susana fala de Luiza uma mulher branca de boa família, casada com o senhor Paulo. B cuja dureza com seus escravos faziam ela sofrer.

E ela chorava, porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultavam vivos, onde, carregados de ferros, como malévolos assassinos, acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céus! ... (Reis, 2018, p. 104).

Ao mesmo tempo em que o marido de Luiza era um homem mau ela era boa e oprimida por ele. Dessa forma, tanto Susana quanto Luiza são oprimidas por ele. Apesar da mãe de Úrsula ser oprimida de forma totalmente distinta já que ela era uma mulher branca e de classe privilegiada. Por isso, ela sofre pelo desprezo de seu irmão, que a princípio não aprovava seu casamento, tanto que ele acaba assassinando o próprio cunhando. Nesse sentido, fica evidente que ele tinha ela como posse e ao ser contrariado buscou uma forma de causar sofrimentos a ela, mas antes disso, ela não era feliz, já que seu marido era um tirano e acabou quase todos os bens lhe sendo infiel.

Reis, elenca não só o drama dos escravizados, mas também o drama dos brancos. Neste sentido, o drama da Senhora que acolhe Joana e seu filho Gabriel em sua casa, mesmo sabendo das consequências que viriam posteriormente. Toda via, ela condena de forma ininterrupta a escravidão como podemos destacar “Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!” (Reis, 2018, p. 201). As três mulheres aqui apresentadas desempenham papéis importantes Susana, como aquela que protege Úrsula desempenhando um papel maternal para com a jovem de seu tio Fernando e por ter uma visão diferente da palavra liberdade. Joana uma mulher marcada pela dor e sofrimento causados pela escravidão desde de criança, mas sobretudo, por ter seus dois filhos Carlos e Urbano vendidos quando crianças ainda

muito pequenos para o Rio de Janeiro o que a levou loucura e conseqüentemente a morte. E a senhora que se revela como uma mulher protetora dos “pobres infelizes” escravizados, enfrentando um escravocrata e dando liberdade aqueles que eram oprimidos por ele.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos compreender como Maria Firmina apresenta em seu romance *Úrsula* a escravidão na província do Maranhão no século XIX. Além disso, procurou-se compreender como as mulheres foram representadas pela autora no decorrer da narrativa.

Para isso, buscamos apresentar qual o contexto em a autora estava inserida na província do Maranhão. Bem como a sociedade era dividida de forma que o Maranhão estava em uma das províncias do norte com uma economia voltada para arroz, algodão e açúcar e essas atividades estavam diretamente ligadas ao trabalho escravizado.

A partir desse contexto, que temos Maria Firmina escrevendo seu romance *Úrsula* trazendo nele sua visão antiescravista e sua opinião acerca da liberdade daqueles que foram “arrancados” de suas terras na África como: Antero e Susana.

No que tange ao papel da mulher, procuramos compreender como as mulheres são colocadas no romance. Assim, a autora coloca a mulher como mãe cuidadosa, menina doce e frágil como *Úrsula*, mas também a mulher demônio, como Adelaide que é retratada como interesseira e traidora.

Maria Firmina é um verdadeiro exemplo de mulher, e mulher negra, a ser seguido. Sua vida foi marcada por um período em que as mulheres eram silenciadas e subjugadas na sociedade. Sua colaboração na literatura afro-brasileira, abre caminhos, para que os afrodescendentes narrem suas próprias histórias, de forma que outras intelectuais negras possam se inspirar e se encorajar nessa majestosa mulher que viveu à frente de seu tempo e de seu país.

Desse modo, constatamos que ao dar protagonismo aos escravizados, e à escravizada Susana, e às mulheres no romance, a autora reforça que a voz feminina é uma resistência a partir dos oprimidos, que lutaram contra o poder escravocrata e patriarcal.

A partir da leitura do romance *Úrsula*, concluímos que não se trata apenas de uma história fictícia, mas, de situações que são vivenciadas diariamente, principalmente por mulheres negras, que sofrem em uma sociedade racista e machista. Dessa forma, a autora sentiu-se revoltada com a condição humana em sua

época, lançando em *Úrsula* sua crítica social em uma época que as mulheres eram silenciadas e oprimidas.

Assim, todas as mulheres da obra são oprimidas, e a autora apresenta cada uma delas como vítima do patriarcado, já que ele tinha um total domínio delas. Dessa forma, cada uma delas sofre dentro do romance opressões de formas diferentes, mas todas elas dentro do contexto do patriarcalismo de forma que, as mulheres negras eram oprimidas pelo fato de ser escravizadas e suas liberdades serem postas nas mãos de seus senhores, fazendo aquilo que eles queriam de forma que sua liberdade ficava restrita ao poder senhorial.

Já as outras mulheres eram oprimidas pelo fato de serem mulheres, e como já sabemos, o patriarcalismo prevalecia naquela sociedade tanto no aspecto da classe social e como da raça. Por meio do romance *Úrsula* percebemos que Maria Firmina faz duras críticas à escravidão, ao tráfico negreiro, ao racismo e à violência. Além disso, ela denuncia o patriarcalismo, e as injustiças sociais no Brasil no século XIX. O regime patriarcal de sua época não permitia que as mulheres, principalmente negras, tivessem reconhecimento no século XIX. Maria Firmina viveu e sentiu o que era ser mulher no Brasil no período colonial, isso é retratado por ela no prólogo de sua obra.

Não a desprezei, antes amparai-a nos seus insertos e titubérantes passos para assim dá alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção eu tive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, se visse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta liberal, tenha mais timidez do que nós (Reis, 2018, p. 26).

A partir desse pedido, Maria Firmina nos alerta para voltarmos nossos olhares para a construção de uma sociedade mais justa tendo em vista que as desigualdades de gênero ainda permanecem em nossa sociedade. Assim ela lança em seu prólogo, que deixemos que *Úrsula* caminhe entre nós e que isso sirva de inspiração para nós mulheres, que até hoje sofremos com desigualdade social.

Nem todas as mulheres podiam se dedicar a literatura, pois isso era um papel atribuído majoritariamente aos homens brancos. Dessa forma, Pinheiro (2016) citando Mendes 2011 afirma que:

Úrsula é uma narrativa marcada por desencontros, ilusões e decepções, tendo como principal diferencial um desfecho fatídico e infeliz, contrastando com os finais felizes esperados para as narrativas

românticas da época, para que estas agradassem ao público feminino, que ocupava seu tempo e sua cabeça lendo histórias de amor (Pinheiro, 2016, p. 49).

Reis, não só inova como mostra a realidade de uma sociedade patriarcal e escravocrata, colocando em sua obra como as mulheres viviam na sociedade oitocentista. Com isso ela buscou aspectos críticos mostrando qual era o lugar da mulher naquela sociedade.

A partir da leitura do livro *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, concluímos que não se trata apenas de um romance com o esperado final feliz, mas, de situações que são vivenciadas diariamente principalmente por mulheres negras que sofrem em uma sociedade racista e machista. Dessa forma, podemos concluir que Maria Firmina sentiu-se revoltada com a condição humana sobretudo, com o tratamento dispensado às mulheres e os escravizados e seus descendentes, lançando em *Úrsula* sua crítica social.

REFERÊNCIAS

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. A literatura abolicionista de Maria Firmina dos Reis: o conto “A escrava”. In: **Confluence**: Rivista di Studi Iberoamericani, ISSN-e 2036-0967, Vol. 8, Nº. 1, 2016 (Ejemplar dedicado a: How to study family diversity in Latin America: methodologies for an anti-hegemonic perspective), págs. 184-197. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306179005_A_literatura_abolicionista_de_Maria_Firmina_dos_Reis_o_conto_A_escrava. Acesso em 01/12/2023

AZEREDO, Verônica Pacheco de Oliveira; AZEREDO, Ive Oliveira Campolina; BRANDÃO, Maria Lúcia Silva; Ângela Davis: dor e opressão da mulher em suas resistências e lutas históricas: **REVISTA DEBATES INSUBMISSOS**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 2, v.2, nº 7, set./dez. 2019. ISSN: 2595-2803. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/download/242947/34592/161321>. Acesso em: 11/09/2024.

COSTA, Yuri Michael Pereira. Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX. Society and slavery in Maranhão 19TH century. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS** Vol. 10 Nº 20, Julho - Dezembro de 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6733594.pdf>. Acesso em 28/08/2024

CHEHAB, Isabelle Maria Campos Vasconcelos; AGAPITO, Victor Hugo “Úrsula”: Possíveis Contributos para o Enfrentamento da Visão Consolidada de “Escravidão Benigna” e dos seus Consectários para o Brasil no Tempo Presente. **R. Themis**, Fortaleza, v. 17, n. 2, p.125-149, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistathemis.tjce.jus.br/THEMIS/article/view/7331> acesso em 23/07/2024

CESÁRIO, Mariana de Melo; FRAITAG, Katia. O silêncio da mulher pelo sistema patriarcal e o grito libertador na escrita de autoria feminina: análise a partir do conto amor de Clarice Lispector. **SABERES DOCENTES**, Juína/MT/Brasil, v. 3, n. 3, págs. 1-23, ISSN 2448-4601 Jan/Jun. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/view/81/59>. Acesso em 11/09/2024

DUARTE, Eduardo de Assis. **Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos reis**. (Slavery And Patriarchyin Maria Firmina Dos Reis’ Fiction). Periódico Estudos Linguísticos e Literários; Nº 59, Jan.-Jun.[2018, Salvador; ISSN 2176-4794. Págs. 223-236. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/download/28876/17084/102131>. Acesso em 09/09/2024

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação 107p. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-73WGED>. Acesso em 28/01/2024.

PINHEIRO, Thayara Rodrigues. **Vozes femininas em úrsula, de Maria Firmina dos reis, “uma maranhense”**. 2016. 94 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9313> Acesso em 06/06/2024

PEREIRA, J. G. Escravidão e loucura: uma leitura do conto "A escrava", de Maria Firmina dos Reis. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**. v. 46 n. 3 (2017). ISSN 1413-0939. Págs.1134–1144. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1695/1287>. Acesso em 08/11/2023

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 7.^a ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **A escrava**. In: **Úrsula**. 7.^a ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SILVA, Régia Agostinho da. Por uma outra leitura de Adelaide do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **Revista Firminas**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 86-95, jan/jul, 2021. Disponível em: https://mariafirmina.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Por-uma-outra-leitura-de-Adelaide-do-romance-Ursula-de-Maria-Firmina-dos-Reis-%E2%80%93Regia-Silva_96-105.pdf. Acesso em 20/05/2024

SILVA, Otávio Oliveira *Et al.* Da opressão à luta pela liberdade: Uma análise interseccional acerca do conto abolicionista A escrava de Maria Firmina dos Reis. **International Journal of Development Research**, Vol. 11, Issue, 07, ISSN: 2230-9926, pp. 48443-48448, Julho, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354421082_DA_OPRESSAO_A_LUTA_PELA_LIBERDADE_UMA_ANALISE_INTERSECCIONAL_ACERCA_DO_CONTO_ABOLICIONISTA_A_ESCRAVA_DE_MARIA_FIRMINA_DOS_REIS/link/61379a585c10801fe1821475/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uInB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em 11/06 2024